



Navegar, explorar, cartografar: é possível que os perfis de leitura do *Instagram* afetem os leitores?¹

Navigating, exploring, mapping: is it possible that Instagram reading profiles affect readers?

Navegar, explorar, mapear: ¿es posible que los perfiles de lectura de Instagram afecten a los lectores?

Thayra Fernandes Pereira²
 0009-0005-9139-0749
Leila de Carvalho Mendes³
 0000-0003-1756-1173

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que surge a partir do desejo de investigar se e como os perfis de leitura do Instagram podem *afectar* seus leitores e produzir brechas em suas subjetividades. Na sociedade atual, imersa em tecnologia e urdida na lógica da produtividade e da cultura de massa, observamos o bombardeamento de informações e a aceleração de práticas cotidianas, como a massificação de notícias, que contribuem para a fragmentação das narrativas e a predominância de apenas um sentido: o hegemônico. Logo, o objetivo do artigo consiste em apresentar os resultados dessa pesquisa que utilizou a cartografia (1996), como metodologia investigativa, para cartografar 75 páginas de leitura. O referencial teórico adotado apoia-se na Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996, 1992, 1997).

PALAVRAS-CHAVE: *Afecto*; Cartografia; *Instagram*.

ABSTRACT: This article presents the results of a research that arises from the desire to investigate whether and how *Instagram* reading profiles can *affect* their readers and produce gaps in their subjectivities. In today's society, immersed in technology and woven into the logic of productivity and mass culture, we observe the bombardment of information and the acceleration of everyday practices, such as the massification of news, which contribute to the fragmentation of narratives and the predominance of only one sense: the hegemonic. Therefore, the objective of the article is to present the results of this research that used cartography (1996) as an investigative methodology to map 75 reading pages. The theoretical framework adopted is based on the Philosophy of Difference by Gilles Deleuze and Félix Guattari (1996, 1992, 1997).

¹ O artigo apresenta os resultados da pesquisa do TCC da aluna Thayra Fernandes Pereira, orientada pela professora Doutora Leila de Carvalho Mendes, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ), para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia, em fevereiro/2023.

² Graduada em Pedagogia. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ). E-mail: thayrafpereira@gmail.com

³ Doutora em Letras. Professora Adjunta do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ). E-mail: lcmedess@gmail.com

KEYWORDS: *Affect; Cartography; Instagram.*

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de una investigación que evoca el deseo de indagar si y cómo, los perfiles de lectura de *Instagram*, pueden *afectar* a los lectores y producir brechas en sus subjetividades. La sociedad actual, inmersa en la tecnología y entretejida en la lógica de la productividad y la cultura de masas, verificamos el bombardeo informativo y la aceleración de prácticas cotidianas, como la masificación de las noticias, que contribuyen a la fragmentación de las narrativas y al predominio de solo un sentido: el hegemónico. Por lo tanto, el objetivo del artículo es presentar los resultados de esta investigación que utilizó la cartografía (1996) como metodología investigativa para mapear 75 páginas de lectura. El marco teórico adoptado se basa en la Filosofía de la diferencia de Gilles Deleuze y Félix Guattari (1996, 1992, 1997).

PALABRAS CLAVE: *Afectar; Cartografía; Instagram.*

Introdução

Atualmente, vivemos em um mundo totalmente globalizado, imerso em tecnologia e marcado por encontros virtuais e fortuitos. Neste contexto, observamos as redes sociais, principalmente o *Instagram*, aplicativo criado por Mike Systrom, em 2010, e resolvemos empreender uma pesquisa que buscou compreender se e como os perfis de leitura podiam *afectar* o corpo sensível de seus usuários, levando-os a ler um livro e a comentar sobre as suas impressões, ou apenas aguçando sua curiosidade sobre determinada obra.

O interesse pela pesquisa surgiu em um grupo de pesquisa sobre leitura literária e suas relações com o nosso corpo sensível, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Neste grupo, refletimos, com Guattari (1981), acerca do Capitalismo Mundial Integrado, que não só extrai a força de trabalho, mas a força cultural, o imaginário dos sujeitos, retirando-lhes toda a sensibilidade (GUATTARI, 1981). Assim, as imaginações, as sensações e os *afectos*⁴ são ignorados e submetidos a critérios de hierarquização do corpo social e quadros pré-estabelecidos hegemonicamente. Logo, indagamos: o que fazer com o nosso sentir? Como descoisificar corpos que são agenciados a serem coisificados?

Devido a esses debates e discussões, aproximamos nossos estudos da Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari (1996, 1992, 1997) e com eles passamos a pensar em como seria possível abrir brechas, linhas de fuga em nossos corpos,

⁴ A grafia **afecto** foi utilizada com o objetivo de distinguir o vocábulo “afeto”, sentimento, do vocábulo “afecto” de ser afetado e que se refere a teoria que fundamenta o estudo.

tão oprimidos pela lógica cartesiana, como seria possível nos libertarmos e experimentarmos nossas singularidades, particularidades e, principalmente, os *afectos* circulantes. Para Deleuze (1997), não basta conceituar o *afecto*, é preciso senti-lo; para isso, faz-se necessário traçar novos perceptos e buscar novas ideias a fim de que esses corpos possam construir novos sentidos abandonando o sentido único e hegemônico.

Para expandir essa reflexão, realizamos uma pesquisa-cartográfica, que ocorreu ao longo de 6 meses, de maio a novembro de 2022, na plataforma *Instagram*, utilizando suas ferramentas principais: os *hashtags* e os algoritmos, mecanismos explicados mais à frente, e cartografamos 75 páginas de leitura. A partir desses 75 perfis, fomos trilhando percursos, fazendo uso de recortes (que de alguma forma foram possíveis pela própria natureza da metodologia cartográfica, que considera a pesquisa um território de experimentações) que serão apresentados na seção “Análises”. Importante ainda esclarecer que ao realizar um mapa cartográfico, percorremos intensidades, e que essas intensidades implicam as subjetividades dos sujeitos envolvidos, inclusive, as dos pesquisadores. Nesse sentido, a escrita na primeira pessoa é utilizada para destacar a presença e o envolvimento do pesquisador-enunciador na pesquisa. Ao utilizar a primeira pessoa, busca-se evitar o efeito de objetividade que é comumente associado ao uso da terceira pessoa, permitindo que o leitor acompanhe o movimento cartográfico. Dessa forma, o pesquisador reconhece sua implicação no processo de pesquisa, reconhecendo sua subjetividade e sua influência nos resultados obtidos.

Além de Deleuze e Guattari (1997), outros autores fizeram parte de nossas discussões, como as reflexões desenvolvidas por Han (2021), no debate acerca da consequência da hipervigilância e hipervisibilidade social das redes sociais. Atualmente, a internet é a maior aliada da massificação, proliferação e fragmentação das informações, devido a rápida alternância entre imagens e a ausência de construção de narrativas, tendo como resultado a falta de conclusão. Estas reflexões tornam-se essenciais para esta pesquisa, uma vez que acreditamos que a leitura permite, para além de uma construção de narrativa, uma fabulação que dá sentido à vida. A partir dessas considerações, foi possível problematizar se o *Instagram* pode ser utilizado como meio para *afectar* seus usuários, agenciando-os coletivamente

(DELEUZE; GUATTARI, 1977), formando leitores.

O artigo está dividido em três seções: na primeira, “Fundamentação”, realizamos uma breve explicação do conceito de *afecto*, a partir dos estudos da Filosofia da Diferença, de Deleuze (1996, 1992, 1997), e adotamos os *afectos* como o principal referencial teórico e a fim de contribuir e somar com o desenvolvimento teórico, estabelecemos, na subseção: “Reflexões teóricas complementares: a narração e leitura como fabulação”, outros conceitos importantes para a análise deste trabalho. Já na segunda seção, “Metodologia”, tivemos por objetivo justificar a escolha metodológica da linha de pesquisa, uma vez que adotamos a cartografia como análise investigativa. Dessa maneira, elucidamos o conceito de cartografia e refletimos acerca do processo de desenvolvimento da pesquisa-cartográfica, que nos provocou a experimentar e a aprender durante o trajeto. Por último, a terceira seção, “Análise”, consistiu em evidenciar o percurso trilhado na pesquisa-cartográfica. Esta seção contém duas subseções, “Primeiro percurso” e “Segundo percurso”, os quais têm como finalidade explicar, detalhadamente, quais foram os trajetos que nos fizeram chegar às seguintes indagações: como (ou se) o *Instagram* pode possibilitar *afectos* nos navegadores da rede? Como ler/interpretar os rastros deixados pelos sujeitos?

Fundamentação

Esta seção do artigo está dividida em duas partes: a primeira, “Os *afectos*”, tem como objetivo apresentar o conceito de *afecto*, a partir dos estudos da Filosofia da Diferença, em Deleuze (1996, 1992, 1997), e defender este conceito como central em nossa pesquisa. A segunda, “Reflexões teóricas complementares: a narração e a leitura como fabulação”, consiste em explicar a importância da fabulação e da leitura na produção de sentidos e sua contribuição para o processo de análise teórica da pesquisa-cartográfica.

Os *afectos*

Segundo Lorde (2020), o continente europeu, estruturado pela branquidade e pelo patriarcado, reverbera o pensamento racionalista, que desconsidera a emoção e projeta-a, dicotomicamente oposta e inferior à razão. Dessa forma, para a autora, torna-se mais fácil instaurar uma supervigilância social, onde os indivíduos reproduzem o que a lógica hegemônica estabelece.

O sujeito cartesiano - empirista, tradicional e racional - é visto como o único “indivíduo pensante”. Grandes teóricos, como Leopold Sedar Senghor, em seu texto “O que o homem negro traz” (1939), reproduziu essa teoria da superioridade europeia do pensamento, ao dizer que a emoção é negra e a razão é helênica (SENGHOR, 1939) delegando a segundo plano a emoção. Todavia, essa dicotomia, é contestada por Spinoza, Deleuze e Derrida (SECCO, 2014), que defendem que o pensar e o sentir interagem entre si.

Assim, a teoria dos *affectos* é central para se pensar no indivíduo não cindido entre a razão e emoção. Elaborada por Spinoza (2020), essa teoria é retomada por Deleuze (1997), que afirma que o *affecto* não se restringe a ideia de afeto como sentimento, mas a relação dos encontros entre corpos e suas marcas. Nessas trocas geradas pelo contato, ocorre uma variação de potências (positivas ou negativas) que atingem essas corporeidades, levando-as a dois caminhos: ação ou passividade (DELEUZE, 1997). Cabe ressaltar que, na visão do filósofo, não há uma diferença entre o sujeito e o objeto. Nota-se, então, que, por isso, o afeto é transfigurado em *affecto*, porque os pensamentos participam, simultaneamente, de múltiplos territórios sensoriais.

Portanto, acreditamos que, por meio dos *affectos*, desses encontros, os sujeitos são levados a uma transformação intensiva, ou seja, a uma potencialização e/ou despotencialização e, ainda, ao desejo, mesmo que inconsciente, de desatar os nós que os prendem a essas semióticas dominantes de poder (GUATTARI, 1981). Por isso, defendemos o direito do corpo em atingir e ser atingido por esses *affectos*, a fim de produzirem sentidos em meio a um não-sentido da vida.

Reflexões teóricas complementares: a narração e a leitura como fabulação

Na obra *Água Viva*, Clarice Lispector *afecta* o leitor pela sua inconclusão, na incerteza-certeza, em seu encerramento sem fim. Dessa forma, somos imersos nas sensações. Somos conectados aos personagens. Somos levados a um não-enredo, que diz muito para nós e sobre nós. Nos encontramos na inconclusão de uma reticência. Notamos, então, que Clarice não narra, ela fabula. A fabulação de Clarice, não só perpassa o corpo do leitor, mas o da escritora fabuladora. Assim, “Os personagens não podem existir, e o autor só pode criá-los porque eles não percebem, mas entram na paisagem e fazem, eles mesmos, parte do composto de sensações” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 219).

Fabular é criar. Fabular é desenvolver um novo significado, que fuja da representação. Fabular é abandonar um ciclo de “início, meio e fim”, afinal, “[...] você me entende? Mas vou ter que parar porque estou tão e tão cansada que só morrer me tiraria deste cansaço. Vou embora. Voltei” (LISPECTOR, 1998, p. 74). Fabular é uma linha de fuga contra as forças hegemônicas. Por fim, fabular, de acordo com Deleuze e Guattari (1992), é *afectar* e ser *afectado* em suas mais múltiplas potências de ser e existir. “Não há literatura sem fabulação, mas, [...] a fabulação, a função fabuladora não consiste em imaginar nem em projetar um eu. Ela atinge sobretudo essas visões, eleva-se até esses devires ou potências” (DELEUZE, 1997, p. 7).

Sendo assim, observamos que “um grande romancista é, antes de tudo, um artista que inventa *afectos* não conhecidos ou desconhecidos [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 226). Esses *afectos* não influenciam apenas o escritor, mas o leitor que sente a obra. A leitura é uma brecha capaz de descoisificar corpos engessados, transformar ideias e possibilitar sensações.

O capitalismo, que é colonizante e totalizante, impregna também as instituições escolares, a partir da lógica da produção, o sentido único, nos prendendo a uma engrenagem de reprodução social. Nesse sentido, é importante compreender que a arte, no nosso caso a leitura literária, exerce uma função essencial, ao permitir a fabulação, impactando-nos e potencializando-nos.

A leitura pode possibilitar que os leitores se abram para os *afectos* que perpassam seus corpos. Desse modo, o ato de ler abre caminhos para os sentidos, que despertam uma (re)apropriação do desejante, dos significados e dos *afectos*.

Este caminho, cheio de atravessamentos, é marcado pelo conhecimento sobre-o-corpo, de escuta do “eu” e do outro, pois, ler “é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário” (COSSON, 2007, p. 27). Refletimos, dessa forma, que a leitura é capaz de transformar olhares e tornar uma condição humana, por meio de conhecer o vivido e o não-vivido, as experiências sentidas e não-sentidas e, também, o vazio jamais preenchido, como nos aponta Nunes:

Que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos, e em geral de tudo o que chamamos de si mesmo, se isso tudo não tivesse passado à linguagem, articulado pela literatura?” pergunta Paul Ricoeur. Nessa indagação delinea-se o alcance ético das obras literárias: o saber de nós mesmos e dos outros, dos sentimentos primários, como amor e ódio, quanto da estima, do respeito de si próprio, do reconhecimento do sujeito humano, de sua liberdade ou de sua existência alienada, da compaixão e do sofrimento. É um saber que passa à linguagem na forma ficcional dos textos literários. (NUNES, 1998, p. 178).

A partir dessas reflexões, pensamos no leitor contemporâneo, imerso em uma sociedade tecnológica e, conseqüentemente, em uma linguagem digital. Atualmente, segundo os dados do Statista (2019), o *Instagram* se configura como uma das redes sociais mais utilizadas do mundo, totalizando mais de um bilhão de usuários. Por isso, questionamos se é possível que os perfis de leitura desta plataforma sejam capazes de *afectar* o leitor.

Acreditamos que a leitura, incluindo a leitura que se faz nas redes sociais digitais, como o *Instagram*, agencia coletivamente seus usuários: no modo como o sujeito se comporta (nas impressões, expressões e sentimentos), no modo de ler um texto, de interpretar o mundo, de entender e ser entendido em uma obra, de fabular. Pensamos que, ao fazer esse trajeto, somos agenciados em conjunto; desse modo, não é um indivíduo agenciado, e sim um movimento que ocorre por meio da interação entre as pessoas. Para Deleuze e Guattari (1977): “[...] a máquina literária antecipa uma futura máquina revolucionária, não por razões ideológicas, mas porque só ela está determinada a preencher as condições de uma enunciação coletiva [...]” (DELEUZE, GUATTARI, 1977, p. 31-32).

Assim, defendemos, em concordância com Deleuze e Guattari (1977), que a

manifestação de novos agenciamentos coletivos - por meio, também, da leitura literária, é responsável por romper com a lógica do capital: padronizada, excludente e coercitiva. Os agenciamentos coletivos são legitimados a partir da produção dos sentidos, da reafirmação das particularidades, na abertura de brecha no sistema hegemônico e, principalmente, no poder fabulador (este capaz de despertar *affectos*).

Metodologia

Epistemologicamente, a palavra metodologia, oriunda do grego, é composta pelos vocábulos *metà* (“para além de”), *odòs* (caminho) e *logos* (“estudo”). Desse modo, percebe-se que o significado de “metodologia” pode ser definido como o caminho (“òdos”) que o sujeito trilha para chegar a um resultado. Na metodologia cartográfica, esse caminho não é tomado a priori, pois é possível que o “caminho” se transforme em “caminhos”, tornando-se um território de experimentações, e não de aplicações

A pesquisa-cartográfica pode ser definida como um modelo investigativo que não possui objeto fixo, mas uma reflexão no que diz respeito aos rastros dos sujeitos investigados. Para Deleuze (1997), na análise dos mapas intensivos, o meio não será definido pelos objetos concretos, mas pelas constelações afetivas que os atravessam. Diante disso, compreendemos que “[...] fazer a cartografia é, pois, a arte de construir um mapa sempre inacabado, aberto, composto de diferentes linhas, ‘conectável’, ‘desmontável’, ‘reversível’, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21). Por isso, o rastreamento, presente neste artigo, faz parte da perspectiva dos múltiplos caminhos não-lineares que potencializam os pensamentos dos sujeitos antes territorializados. Desse modo, o pesquisador-cartográfico deve estar atento, até mesmo, às coisas que parecem mais “insignificantes”, pois elas podem ser potências de transformação para a sobrevivência dos indivíduos.

Logo, nesta pesquisa-cartográfica na rede social do *Instagram*, vamos percorrer os mapas intensivos, as marcas, o possível abandono de um pensamento hegemônico e a abertura para a multiplicidade de caminhos nas interações dos usuários no *Instagram*.

Análise

Para facilitar o entendimento estrutural da linha da pesquisa, através dos mapas inacabados (DELEUZE, 1997), o presente estudo sistematizou as informações em dois percursos, que conduzem o leitor pelos trajetos da pesquisa.

Primeiro percurso

O primeiro movimento da pesquisa “Cartografando espaços de leitura no *Instagram*”, inicia-se a partir de um estudo nesta plataforma, onde optamos por utilizar duas ferramentas que são, usualmente, utilizadas nessa rede social, os *hashtags* (1) e os algoritmos (2). Esses dois mecanismos nos possibilitaram buscar palavras que nos moveram em nosso processo de investigação.

Hashtags e algoritmos

As *hashtags* (1), que segundo Cunha (2012), são “todo conteúdo textual precedido pelo símbolo cerquilha (#), em inglês *hash sign* [...] e são criadas livremente pelos membros da rede a fim de adicionar contexto e metadados às postagens, funcionando como palavras-chave” (CUNHA, 2012, p. 4), funcionam como artifício de busca de conteúdos específicos. Diante disso, este trabalho utilizou a “lupa”, segundo símbolo na aba debaixo do *Instagram*, e explorou *hashtags* no ícone “pesquisar”.

A busca, utilizando as *hashtags*, nos ajudou a direcionar a pesquisa. Notamos que as palavras, enquanto linha de pesquisa sensível, permite que “o território possa se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir”. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323). Por isso, a palavra, para o cartógrafo, significa um *afecto* que move o sujeito-pesquisador em percursos abertos, que os levam a direções já antes trilhadas, porém com um novo olhar, de quem está permitindo tocar e ser tocado. Então, ao cartografar perfis no *Instagram*, que tinham como denominador comum a leitura, escolhemos oito palavras que

atravessaram nossos corpos e, a partir daí, transformamo-las em *hashtags* com o intuito de buscar páginas de leitura. São elas: #poetas, #literatura, #singularidade, #arteliteraria, #poesia, #bookstagram, #livros, #poemas.

Por estarmos pesquisando sobre páginas de leitura, o algoritmo (2) do *Instagram* iniciou um processo de “sugestão” de postagens literárias no Feed dos pesquisadores. Pensamos, segundo Pariser (2012), que isso ocorra devido a um processo de personalização dos interesses do usuário, em que, “primeiro, o filtro tenta entender quem é a pessoa e do que ela gosta. A seguir, oferece-lhe conteúdos e serviços adequados. Por fim, faz um ajuste fino para melhorar essa correspondência” (PARISER, 2012, p. 101). Desse modo, é importante sinalizar que o objetivo deste artigo não é explorar as consequências positivas ou negativas do algoritmo, mas utilizá-lo como mecanismo de estudo para o recorte de *ig’s* de leitura.

Segundo percurso

Nesta parte do percurso, explicamos as percepções dos pesquisadores acerca das contas de *Instagram* encontradas nas *hashtags* e nos algoritmos e explicamos os trajetos percorridos na pesquisa-cartográfica intensiva. Ressaltamos que, desde a origem deste estudo, guiamo-nos na concepção da Esquizoanálise, portanto, refletimos, junto ao princípio rizomático de Deleuze e Guattari (1996), que nosso percurso não é sem direção, mas é trilhado de forma aberta - sem começo e fim -, múltiplo, livre para experimentações e movidos por linhas pulsionais de intensidade que nos *affectam*.

Ao fazer a análise cartográfica, traçamos um percurso, a criação de uma tabela com oito colunas que continham as seguintes informações: “nome/@”; “seguidores/frequência em posts”; “publicações”; “criação”; “*user* encontrado através de”; “descrição feita a partir do pesquisador(a)”; “diálogos com os seguidores” e, por último, “comentários dos seguidores”. Percebemos que a pesquisa empírica não seguiu em uma única direção e sim aberta a possibilidade do múltiplo.

Ao longo de toda a pesquisa buscamos conexões entre os perfis de leitura, isto é, buscamos mapear as redes de forças às quais estávamos conectados (KASTRUP; BARROS, 2012). Essas conexões, consideraram as publicações dessas

páginas e por outro lado, como fomos *afectados* por elas, como sujeitos-pesquisadores. Por isso, cartografamos 75 *ig's* que divulgavam práticas leitoras, ao mesmo tempo em que capturavam nossa atenção e nos *afectavam* com suas postagens.

Ao longo deste trabalho, compreendemos a responsabilidade desses *ig's* de leituras com seus seguidores, a partir da troca de *afectos* existentes ou não. Dessa forma, notamos a necessidade de elaborar parâmetros a fim de mapear intensivamente os *afectos*. Por isso, foram realizados dois recortes principais a partir dessas 75 páginas iniciais.

O primeiro recorte se deu por meio do critério de "post com frequência", onde estabelecemos apenas perfis de leitura que publicavam, frequentemente, no *Instagram*. Sabemos da importância dessas contas estarem ativas para interagirem com seus seguidores. Desse modo, reduzimos a análise da pesquisa para 54 páginas de leitura.

A partir disso, seguimos para o segundo recorte, onde adotamos a média de comentários por posts como referência, porque os comentários são uma indicação de que os usuários foram impactados por aquelas postagens. Dessa forma, investigamos apenas *ig's* que possuíam em torno de 10 interações por posts, restando 27 perfis de leitura.

Concordamos com Romagnoli (2009) que a pesquisa-cartográfica permite analisar o processo de transformação dos sujeitos pesquisados e do sujeito pesquisador, pois, "na implicação do pesquisador é que se encontra um dos mais valiosos dispositivos de trabalho no campo. É a partir de sua subjetividade que afetos e sensações irrompem, sentidos são dados, e algo é produzido" (ROMAGNOLI, 2009, p. 171). Notamos, então, que não só investigamos perfis de leituras que *afectavam* os usuários, mas também aqueles que nos *afectaram* enquanto pesquisadores.

Durante o processo da pesquisa-cartográfica, analisamos que os perfis de leituras tinham muitos comentários de *emojis*, o que nos fez refletir se, de fato, aquelas publicações atravessavam os usuários para além do que foi lido nos aparelhos digitais. Tal fato, nos motivou a fazer uma cartografia nos comentários, a fim de buscar comentários que relatassem se e como a publicação os *afectou*.

Cartografia dos comentários: sentidos e afectos

Nesta subseção, buscamos retornar ao conceito de fabulação, pois acreditamos que é na fabulação que encontramos essa produção de sentido que, segundo Han (2015), carece nas sociedades contemporâneas. A partir da obra “Bergsonismo”, de Deleuze (2012), refletimos que a fabulação foge do campo do simbolismo, foge da representação, foge do tempo narrativo (que necessita de conclusão) e foge dos signos dominantes (GUATTARI, 1981). A fabulação nos aproxima do campo dos *afectos*, das potências de agir ou paralisar, da arte, da desterritorialização de pensamentos territorializados... fabular, ao contrário de narrar, é um processo de criação aberto, que não carece de fim. Na realidade, a inconclusão permite múltiplas interpretações do que seria o “fim”.

E é neste contexto, de pensar a fabulação, que fomos levados a uma trajetória com possibilidades múltiplas e de caminhos inconclusivos. Fomos sensibilizados a nos mover a direções que nos potencializaram e, desse modo, impulsionados a traçar novos percursos. A partir disso, intensificamos nossa pesquisa-cartográfica no *Instagram* - que nos possibilitou conhecer um território muito habitado, mas pouco explorado em seus possíveis benefícios -, e nos debruçamos não só em cartografar perfis de leitura como, também, a cartografar comentários dos seguidores nesses 27 ig’s, uma vez que notamos que “comentar” se configura como um termômetro de interação dos sujeitos-*afectados*.

Nesta parte do texto, apresentamos alguns comentários cartografados nesses 27 perfis de leitura. Interessante notar que, como já mencionado acima, as interações cartografadas foram aquelas que nos *afectaram* enquanto sujeitos pesquisadores e, principalmente, demonstraram *afectar* os sujeitos-cartografados. Para nos aproximar da linguagem do *Instagram*, optamos por utilizar o @ dos perfis que seguem as páginas selecionadas por nós e cartografamos trechos de suas interpretações, falas e relatos. Os sujeitos-cartografados, defendem que a leitura precisa ser atravessada no âmbito das sensações e, sendo assim, dos *afectos*:

Amo as palavras que fazem eco em minha alma. Sinto que também é assim com outras pessoas. Acho que é por isso que gostamos de ler, para sentir o

que está em nós, mas que, ainda não tinha sido, por nós, descoberto. Um bom escritor é aquele capaz de buscar e traduzir com beleza as verdades de nossa alma. (E cada um terá o seu "melhor tradutor" kkkk Amamos alguns... Aqui é muito bom revê-los. Gratidão pela página! Amei! (@anateresawatanabe, usuária do Instagram, 2022).

E, também, nestes relatos de @bcperotto e @pinturaludica:

Cada dia mais impressionada com sua capacidade de transformar o cotidiano imaterial e sensível em palavras, desenhos e N outras formas de disseminar a prosa e a poesia, tudo faz tanto sentido, vc arrasaaa (@bcperotto, usuária do Instagram, 2022).

Afetamos e somos afetados, resta conhecer o como eles nos afetam (@pinturaludica, usuário do Instagram, 2022).

Refletimos que a leitura, vista como sentido de vida, se manifestou no corpo sensível desses usuários. O leitor, mesmo aqueles das redes sociais, pode (e deve) utilizar do seu direito de ler e interpretar. Pensamos nesses indivíduos como intérpretes, que se debruçam nas obras a fim de se deslocarem, não as resumindo em representações que sufocam o eu-poético e muito menos a uma leitura decodificadora. A leitura é sentida, *afectada*, interpretada, tocada e única, como podemos perceber no trecho do comentário de @anateresawatanabe: “cada um tem seu melhor tradutor”.

Segundo Guattari e Rolnik (1986), precisamos de agenciamentos coletivos que se opõem a essas práticas coloniais-capitalísticas e permitam uma desterritorialização dos sentidos: a partir da lógica dos encontros, da abertura de caminhos, da busca por novos trajetos. Cabe ressaltar que os trajetos não se confundem apenas com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do meio (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Por isso, questionamos: quais são os mapas que percorremos? Qual relação do percurso e do percorrido? Há uma escuta do nosso próprio corpo?

Ao nos desprendemos das amarras capitalísticas, fomos movidos a um percurso de cartografar comentários no *Instagram*, e neste trajeto, fomos agenciados em conjunto por estas páginas de leitura. Em nossa pesquisa, consideramos *ig's* que favorecessem o diálogo em seus posts. A aproximação do criador de conteúdo e seguidor abre espaços para que as pessoas exponham os

afectos que as atravessam, além dos seus posicionamentos acerca das ações e falas das personagens. Esse movimento, de identificação com os personagens, não se estabelece no território representativo, e sim nos atravessamentos fora da narrativa. Ao provocar nossos sentidos a estarem flexíveis a sentir, somos tomados pelas mais diversas sensações, como podemos observar nas interações de @umlivroumaresenha e @lanternadosliterarios:

Adoro contos e livros curtos, gostei que você falou que a autora desenvolve personagens reais e isso me agrada também! Só não tenho indicações de romances pq não costumo ler o gênero! (@umlivroumaresenha, usuária do Instagram, 2022).

Eu adoro personagens reais porque é fácil se identificar, já é um ponto que desperta a minha curiosidade e quero muito ler esse livro. Eu gosto muito do teu estilo, linda demais (@lanternadosliterarios, usuário do Instagram, 2022).

Entendemos que o ato de ler está no apossamento da obra e no desejo de sua experimentação. Apesar dos indivíduos possuírem identificações similares com os exemplares, os sentidos formados serão singulares e particulares. Há um agenciamento coletivo, por meio destes perfis de leitura, de sensibilização dos corpos, antes coisificados por este sistema ideológico colonial, que permite que estes agenciados sejam vulneráveis ao sentir, em seus mais múltiplos sentidos. Ao produzir a pesquisa-cartográfica, na contramão da padronização das metodologias eurocêntricas, notamos nos comentários de @genisoares21 e @allefmizael a importância de abrir o corpo sensível para o sentir:

Já te falei que me identifico demais com tudo que vc escreve, porém, nessa vc traduziu minha alma. Postarei agora em meu feed (@genisoares21, usuário do Instagram, 2022).

Vcs são um tesouro nessa rede, bom demais (@allefmizael, usuário do Instagram, 2022).

Observamos, a partir desses relatos, que a leitura representa um território do desejo, para além do que o autor escreve, pois “[...] após a produção de um texto, é possível fazê-lo dizer muitas coisas [...], mas é impossível [...] fazê-lo dizer o que ele não diz. Muitas vezes, os textos dizem mais do que seus autores pretendiam dizer,

contudo, menos do que muitos leitores incontinentes gostariam que dissessem” (ECO, 1992, p. 130).

Portanto, ao trilharmos este caminho, que nos possibilitou cartografar os comentários no *Instagram*, notamos que ler um texto, mesmo que em uma rede social, significa permitir que o outro experimente novos mundos, produza memórias *afectivas* e, sobretudo, fabule na construção dos seus próprios sentidos (sem que o sentido precise de uma conclusão).

Considerações finais

Conforme referência na parte introdutória deste artigo, este trabalho buscou apresentar os resultados, ainda que inconclusos, de uma pesquisa-cartográfica, que foi desenvolvida no campo da pulsão, do desejo e, sobretudo, dos *afectos*. A trajetória da pesquisa, fluida e errante, consistiu em navegar e explorar o território do *Instagram*, a fim de cartografar páginas de leitura, além de, também, estudar essa rede social como possibilitadora de agenciamentos coletivos. Consideramos fundamental articular algumas reflexões finais, apesar do “fim” estar aberto para outros caminhos, com relação à temática que nos impactou ao longo dessa trajetória: os *afectos* circulantes em perfis de leitura no *Instagram*.

Neste percurso, Deleuze e Guattari (1996) nos ajudaram a pensar sobre o modo de vida em que somos condicionados a viver. O capitalismo, que priva o nosso corpo do sentir, controla todas as atividades humanas e extrai completamente as forças subjetivas, culturais, sensíveis e dos sentidos. Conseqüentemente, somos restringidos por um sistema de coerção, que coisifica nossos corpos e engessa nossa capacidade de expressão e de fabulação. Entretanto, esse corpo, mesmo que de forma inconsciente, se manifesta e, a partir dessa manifestação, busca desvencilhar-se desses nós atados, que nos sufocam, nos estrangulam e nos machucam.

O corpo, mesmo sob essa privação sufocante, emerge meio perdido em um labirinto. Os agenciamentos coletivos ensejam uma produção de subjetividade contrária à massificação, na contramão de uma individualidade produzida, possibilitando a vivência de experiências e do vivido. Por isso, o artigo mostra que

esses espaços coletivos de leitura, no *Instagram*, podem ser considerados agenciamentos coletivos que produzem *affectos* e geram uma ação mobilizadora, que permitem linhas de fuga e uma desobediência epistêmica, ou seja, a desterritorialização dos indivíduos que são submetidos a uma racionalidade uniforme, totalizante e colonial. Nesta pesquisa, analisamos em 75 *ig's* de leitura, que nos mostraram ser uma brecha nesse sistema hegemônico, pois, por meio da cartografia, notamos a importância desses agenciamentos coletivos nessa plataforma e como eles *affectam* seus seguidores.

Se Han (2021) argumenta que a internet estimula a maximização da informação e tem como resultado uma não conclusão no tempo narrativo, percebemos, a partir desta pesquisa-cartográfica, que é na manifestação da inconclusão (e do seu poder fabulador) que se constroem os sentidos. A pesquisa “Cartografando espaços de leitura no *Instagram*” levantou a hipótese de que é possível construir uma “rede de sentido” que seja capaz de possibilitar a circulação de *affectos* no *Instagram* de forma coletiva. O sentido de *affecto*, exposto neste artigo, é o de repensar o mundo pelos *affectos*, em seus mais variados sentidos, mediante perceptos de intuição, sensação e percepção. Defendemos, assim como Deleuze e Guattari, que a arte não pensará menos que a doutrina filosófica, mas sim por meio desses *affectos* e das sensações (DELEUZE; GUATTARI, 1977). Nesse sentido, a arte literária rompe barreiras reprodutivas e, também, é responsável por criar uma linguagem que leva a intensos questionamentos. Por intermédio desses argumentos, acreditamos que existam perfis de leitura, no *Instagram*, criados com a finalidade de manifestar (e gerar) emoções, sentidos e pulsões.

Sem a intenção de concluir o texto, pretendemos encerrar este artigo aberto aos múltiplos caminhos que essa pesquisa-cartográfica nos possibilitou, a partir do campo dos *affectos*. Dessa forma, decidimos cartografar páginas de leitura, por acreditarmos que ler potencializa os agenciados nesse processo de agenciamento coletivo. Retomamos Clarice, que fabula por meio da não conclusão da palavra, pois ela nos permite apreciar como os sentidos podem ser construídos por meio de uma reticência. O *Instagram*, mesmo sendo uma rede social mercadológica, *affecta* seus leitores e possibilita o arrebatamento dos sentidos.

Referências

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

CUNHA, E. *Etiquetagem de micromensagens no Twitter: uma abordagem linguística*. Dissertação (mestrado em ??). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Kafka: Por uma Literatura Menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, , 1996.

DELEUZE. G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

ECO, H. *Les limites de l'interprétation*. Paris: Le livre de poche "Biblioessais", 1992.

GUATTARI, F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HAN, B.-C. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes. 2015.

HAN, B-C. *Favor fechar os olhos: em busca de outro tempo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2021.

KASTRUP, V.; BARROS, L. P. da. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LISPECTOR, C. *Água viva: ficção*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LORDE, A. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NUNES, B. *Filosofia e Literatura: Crivo de Papel*. São Paulo:Abdr, 1998.

PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Tradução Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicol. Soc.* Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.

SECCO, C. *Afeto e Poesia*. Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

SENGHOR, L. Ce que l'homme noir apporte. *In: L'homme de couleur*, Librairie Plon, 1939.

SPINOZA. *Ética*. 2. ed. BH: Autêntica, 2020.

STATISTA. *Most popular social networks worldwide as of January 2023, ranked by number of monthly active users*. 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 05 jul. 2019.

Recebido em: 20 maio 2023.

Aprovado em: 30 jun. 2023.

Revisor de língua portuguesa: Ana Carolina Guerreiro Piacentini

Revisor(a) de língua inglesa: Otto Henrique Silva Ferreira

Revisora de língua espanhola: Juliana Moratto